A SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E O SEU PRIMEIRO CONGRESSO

BÁRTOLO PAIVA CAMPOS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Em nome da organização e em meu nome pessoal, desejo começar por cumprimentar os responsáveis ou representantes de todas as instituições convidadas, agradecendo a presença de Vossas Excelências na Sessão de Abertura do Primeiro Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Aos participantes no Congresso, as cordiais saudações e os votos de agradáveis dias de intercâmbio e convívio entre nós.

É-nos legítimo desejar e seja-nos permitido esperar que daqui a dez anos, na passagem do século, este primeiro congresso, realizado a poucos dias da entrada na última década do século XX, seja considerado um marco histórico no desenvolvimento das Ciências da Educação em Portugal e, portanto, não só da educação, como ainda da própria sociedade portuguesa.

Com este Congresso nasce a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, isto é, as pessoas (e as instituições, esperamos) que em Portugal se dedicam ao ensino e à investigação neste domínio associam-se para potencializar as suas actividades de modo a encontrar caminhos de maior realização pessoal e institucional, sendo mais eficazes no seu contributo para a transformação da nossa realidade educativa e, deste modo, também para o bem-estar de um número cada vez maior de portugueses.

Se há muito que existe em Portugal discurso, pensamento, reflexão e estudo rigoroso e científico sobre as práticas e instituições educativas e ensino sobre as mesmas, é verdade que apenas nos últimos 15 a 20 anos se tornou significativo não só o número dos especialistas que se dedicam à investigação e à docência das Ciências da Educação como ainda a diversidade de disciplinas científicas pelas quais estes se distribuem. Se a Filosofia e a História foram as primeiras, há mais tempo, as modernas Ciências Sociais, como a Psicologia e a Sociologia, por exemplo, só ultimamente se desenvolveram em Portugal e, conseqüentemente, a preocupação destas disciplinas com a educação é mais recente. O mesmo acontece com as metodologias de ensino ou de desenvolvimento curricular e com a análise de outras problemáticas à luz de várias disciplinas para constituir um sistematizado corpo próprio de conhecimentos.

O actual estado de desenvolvimento das Ciências da Educação em Portugal, muito mais tardio do que nos outros países da Europa e da América do Norte, criou condições

próprias à emergência, julgo que posso dizer entusiasta, da Sociedade. Justo é neste momento realçar os esforços realizados noutras épocas e que não chegaram a bom termo pelas mais variadas razões. Destacarei a iniciativa levada a cabo, já na década de setenta, por um grupo em que se encontrava o nosso colega Rui Grácio.

É para mim um imenso prazer, e tenho a certeza de nisso ser acompanhado pelos presentes, que a Conferência de Abertura do Primeiro Congresso da Sociedade seja realizada pelo Rui Grácio que há muitos anos se dedica entre nós à reflexão, ao estudo e à análise sobre a educação. Não só o faz em Portugal, mas ainda sobre a realidade educativa portuguesa e com grande empenho de que a actividade científica que realiza contribua para a acção educativa, sua e dos outros. Se a sua presença é sinal de todo este empenho e da atenção que sempre dedicou a todos nós, veja no nosso convite para abrir o Primeiro Congresso da Sociedade uma homenagem realizada assim com toda esta simplicidade.

Faltou à chamada um grande amigo cuja dedicação, entusiasmo e capacidade de congregar vontades muito contribuiu para desenvolver dois dos actuais maiores polos de investigação e ensino das Ciências da Educação em Portugal — o do Minho e o de Aveiro — e que também esteve ligado a anteriores iniciativas de lançamento duma associação de Ciências da Educação entre nós. Ao João Loureiro a nossa recordação.

O objectivo geral da Sociedade é contribuir para a solução dos problemas educativos através do desenvolvimento da investigação e da docência das Ciências da Educação. Do desenvolvimento de uma e outra depende em grande parte que o professor (e o formador ou o educador numa perspectiva mais englobante) seja um profissional e não um mero agente da administração do Estado. A autonomia profissional passa por aqui.

Para contribuir para este objectivo global a Sociedade vai, antes de mais, incentivar e facilitar o intercâmbio e a união de esforços e recursos entre as pessoas e entre as instituições que se dedicam à investigação e ao ensino em qualquer domínio das Ciências da Educação: o que cada pessoa ou instituição não consegue sozinha, é possível, juntando pessoas e instituições; procurará ainda a Sociedade, promover e defender a qualidade de tal investigação e ensino; difundirá, finalmente, as Ciências da Educação junto das pessoas e instituições interessadas e junto da opinião pública, em geral.

Como meios de acção para atingir estes objectivos a Sociedade estimulará a emergência, apoiará o desenvolvimento ou tomará mesmo a iniciativa da realização de projectos de investigação, de análise de necessidades, de inovação e de avaliação no domínio da educação, especialmente daqueles que se debruçam sobre a realidade educativa portuguesa e incluam investigadores dos vários centros. Formulará pareceres e recomendações, por iniciativa própria ou a solicitação de terceiros, relativamente a questões de política, prática e meios educativos. Apoiará ou organizará a difusão de informação e ocasiões de formação, especialmente destinadas aos seus associados. Realizará e apoiará a organização de Congressos, Seminários e Colóquios, nacionais e internacionais e publicará boletins, revistas e livros. Poderá mesmo vir a definir critérios a que devem obedecer os cursos no

domínio das Ciências da Educação e da formação de professores ou de outros profissionais da educação e, mediante solicitações dos respectivos responsáveis, avaliar se um curso está organizado segundo aqueles critérios. Obviamente que se filiara nas associações internacionais de Ciências da Educação e cooperará com instituições governamentais e não governamentais, nacionais e estrangeiras.

O desenvolvimento da investigação e ensino das Ciências da Educação em Portugal, para que a Sociedade quer contribuir, não é só condição para que professor seja uma profissão como ainda dele depende, em muito, qualquer Reforma Educativa ou, melhor dizendo, a permanente dinâmica de reforma nas escolas e noutros centros educativos. Se é verdade que o potencial de Ciências da Educação existente em Portugal ainda não tem muita tradição e não é grande, também julgo que não é exagero afirmar que não tem sido muito procurado pelas instâncias mais responsáveis da actual Reforma Educativa, nem a dispersão das pessoas tem facilitado uma tomada de posição por iniciativa própria; com a constituição da Sociedade a situação pode mudar.

Tenha-se ainda presente que a educação não se esgota nas escolas; estende-se a outras realidades educativas, nomeadamente à formação profissional. Às centenas de milhões de contos que desde há alguns anos se têm gasto em formação profissional em Portugal (em cada ano, mais do que o orçamento total do ensino superior) de certeza que não correspondeu uma proporcional melhoria da qualificação profissional dos jovens abrangidos. Isto deve-se a inúmeros factores, entre os quais se situa a falta de contributo das Ciências da Educação.

Se há, porventura, domínios, como talvez o das engenharias, em que nos poderíamos limitar a importar a investigação produzida no estrangeiro, caso não existissem barreiras a tal difusão, no que respeita às ciências úteis para a acção educativa, dadas as especificidades de cada contexto humano e social, isso não basta.

A criação de cursos de formação de professores nas Universidades, a partir da década de setenta, e nas Escolas Superiores de Educação, já nos anos oitenta, bem como, mais recentemente, os mestrados e licenciaturas em Ciências da Educação têm sido os principais factores impulsionadores do ensino e da investigação no domínio das Ciências da Educação em Portugal. A maior parte da investigação realizada, até agora, tem estado necessariamente ligada à própria formação dos investigadores, em geral em centros estrangeiros ou com apoio destes, de que se destacam os dos Estados Unidos e da Inglaterra, nos países anglófonos, e os da França, Bélgica, Canadá e Suíça, nos países francófonos. Mas já existem também algumas projectos da responsabilidade de investigadores com qualificação e experiência anterior em investigação e, em certas áreas, já não se justificam bolsas para realizar os doutoramentos no estrangeiro.

Não se esqueça, porém, que os desenvolvimentos demasiado rápidos, como foi o do número de especialistas em ciências da educação, graças à multiplicação de mestrados e mestrados em poucos anos, têm preços a pagar, se não ao nível da qualidade, pelo menos ao nível da fragilidade e do carácter embrionário de todo o edifício constituído pelos

recursos humanos em Ciências da Educação. O que será um motivo a mais para justificar a actualidade da constituição da Sociedade.

Se para a formação de investigadores no estrangeiro tem havido o necessário apoio estatal, o mesmo não se pode dizer para o desenvolvimento de actividades de investigação no nosso País. As Ciências da Educação estão votadas à sorte das Ciências Sociais, as recém-chegadas ao nosso País e, por isso, aquelas que contam com menos Centros e com menos verbas do INIC. É de esperar que o Instituto de Inovação Educacional, com tarefas no domínio da investigação em educação, contribua significativamente para saltos qualitativos no sector.

Para a constituição da Sociedade considerou-se que, após um período de pré-inscrições individuais, se realizasse um Congresso que fosse ocasião para ter um panorama sobre o caminho que tem estado a ser percorrido pelas Ciências da Educação em Portugal e ainda para uma participação alargada na elaboração e aprovação dos estatutos da nova Sociedade.

Neste momento, já realizaram a sua inscrição provisória na Sociedade mais de duzentos e cinquenta especialistas em Ciências da Educação pertencentes a várias instituições de ensino e investigação com predominância para as de Braga, Porto, Aveiro, Coimbra e Lisboa, sem dúvidas as mais antigas.

De todo o País vêm também as comunicações apresentadas neste congresso e mais haveria se não se tivesse fechado as inscrições, por motivos de tempo e espaços disponíveis. De qualquer modo, quase todos os centros universitários estão representados e uma boa parte das Escolas Superiores de Educação. Também há comunicações relativas às várias disciplinas das Ciências da Educação (Filosofia, História, Psicologia, Sociologia) e às problemáticas mais trabalhadas no nosso País: Insucesso Escolar, Formação de Professores, Educação Especial, Educação para os Valores, Administração da Educação, Educação de Adultos e Comunitária, Desenvolvimento Curricular e Metodologias do Ensino das Ciências e das Línguas, Novas Tecnologias da Informação na Educação, Educação e Trabalho...

Obviamente que estão representados vários quadros teóricos e metodologias de investigação, quantitativas e qualitativas, necessários ao desenvolvimento das Ciências da Educação, conforme os valores e objectivos prosseguidos em cada momento.

Considerou-se preferível que o Primeiro Congresso não fosse aberto à participação de estrangeiros, nem houvesse especialistas convidados doutros países. Para uma maior identificação e tomada de responsabilidade e para reforço da confiança em nós próprios, talvez seja melhor assim. No futuro, teremos ocasião de incrementar as relações com os nossos colegas estrangeiros nomeadamente através de contactos com associações congéneres, alguns já iniciados como com a espanhola, a francesa e a inglesa.

Não posso terminar estas palavras de abertura sem agradecer a todas as instituições e pessoas que contribuíram pelo seu patrocínio e pelo seu trabalho para a realização deste congresso. Como devem ter reparado, a organização deste recaiu sobre os membros de uma

pequena equipe constituída pelo António Esteves, a Carlinda Leite, a Helena Araújo, o José Luís Pais Ribeiro e a Rosa Lima. A Comissão Organizadora Global, de que constituíam o Secretariado Executivo, apenas prestou um apoio muito geral. Merecem o nosso mais vivo reconhecimento. Tudo o que de bem já verificaram ou vierem ainda a reconhecer, a eles se deve. Quanto àquilo que de menos bem aconteceu ou vier a acontecer, pensem no Presidente da Comissão Organizadora.

Em nome desta tenho o imenso prazer de declarar aberto o Primeiro Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.